

OS SINISTROS NAVAIS EM ÁGUAS BRASILEIRAS. 2. CONCEITOS ADOTADOS NO “ARQUIVO BRASILEIRO DE SINISTROS NAVAIS” - ABSN -

Soto¹, J.M.R.; Delatorre², F.H.; Lanziotti³, M.; Lima⁴, C.T.

¹*Chefe da Seção de Museus (ProPPEC-UNIVALI), Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202, soto@univali.br;* ²*Presidente (Instituto Cultural Soto Delatorre), Av. Falcão, 2200, Bombinhas, SC, 88215-000, fernando@sotodelatorre.org.br;* ³*Gerente da Casa do Homem do Mar (CHM-Instituto Cultural Soto Delatorre), Av. Falcão, 2200, Bombinhas, SC, 88215-000, marcelo@sotodelatorre.org.br;* ⁴*Museu Oceanográfico Univali (ProPPEC-UNIVALI), Rua Uruguai, 458, Itajaí, SC, 88302-202, cristiano@lima@univali.br*

ABSTRACT

Maritime terms are complex and controversial, however very important for an appropriate classification of events and/or structures. The present work proposes a series of concepts regarding to naval accidents and correlated geological structures based on Brazilian Naval Accident File (ABSN).

Palavras chave: naufrágio, socóbro, encalhe.

INTRODUÇÃO

Apesar de aparentemente simples, o termo naufrágio é bastante controverso e tratado de diferentes formas quanto ao aspecto técnico, legal e etimológico. Devido a isto, diversos autores definem conceitos conforme o campo de atuação, o que gera uma infinidade de discordâncias ou mesmo incongruências. Desde sua criação, o Arquivo Brasileiro de Sinistros Navais (ABSN) necessitou de uma uniformização dos termos e seus conceitos, a fim de classificar os ocorridos em categorias para um adequado tratamento estatístico. No presente trabalho são tratados os conceitos dos sinistros navais e das formações geológicas de interesse náutico e cartográfico. O resultado do estudo destes termos aqui apresentados é nada mais do que a forma que possibilitou a determinação de todos os casos catalogados no ABSN, que atualmente ultrapassam cinco mil.

MATERIAIS E MÉTODOS

O ABSN é composto por fichas padronizadas, específicas de cada evento e codificadas para a associação direta com fotografias, artigos em jornais e revistas, documentos, livros ou mesmo objetos depositados em museus. O referido arquivo considera sinistros navais (afundamentos, encalhes, incêndios, abalroamentos, etc.) de embarcações com mais 45 pés (13,72m) em todo o Território Nacional, incluindo a Zona Econômica Exclusiva (ZEE). Também contempla o fichamento de embarcações brasileiras sinistradas em outros países ou em águas internacionais, além de um arquivo secundário com material relativo a sinistros navais em geral com propósito comparativo e histórico. A definição dos termos adotados foi fundamental no ABSN, visto que a terminologia náutica está entre as mais ricas e tradicionais, tanto em idiomas e dialetos ocidentais quanto orientais. Justamente esta diversidade cultural gera muitas distorções, enriquecendo sobremaneira a lista de sinônimos, o que foi agravado pelos muitos dicionários genéricos e especializados existentes na área náutica. Os conceitos aqui apresentados foram adotados com algumas modificações e inclusões dos já apresentados na forma de resumo por SOTO *et al.* (2004a), para os sinistros, e SOTO *et al.* (2004b), para as formações geológicas de interesse náutico e cartográfico. Ambas as referências propuseram uma série de conceitos com o objetivo de eleger termos através de critérios legítimos, definindo categorias no ABSN. Como fontes complementares, em relação aos termos náuticos, além das compilações específicas brasileiras (DOS SANTOS, 1877; CHERQUES, 1999), foram utilizadas algumas estrangeiras (ESPARTEIRO, 1943; DE PANDO Y VILLARROYA, 1956; GRUSS, 1978). Na área de oceanografia geológica foram fundamentais para nossa proposta GUILCHER (1957), SHEPARD (1963), SUGUIO (1992) e BAPTISTA NETO *et al.* (2004).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Abaixo são descritos os termos correntes seguidos dos conceitos obtidos e adotados no ABSN.

Em relação aos sinistros navais:

naufrágio – embarcação afundada ou encalhada sem recuperação, refere-se apenas a embarcações (incluindo plataformas petrolíferas flutuantes e excluindo aeronaves, veículos terrestres, etc.), todo naufrágio é um socobro;

encalhe – estrutura imobilizada pela ausência de flutuabilidade, desde que esteja parcialmente emersa, no caso de uma embarcação, se condenada, passa a ser um naufrágio;

afundamento – estrutura imobilizada pela ausência de flutuabilidade, desde que esteja com as superestruturas totalmente submersas, no caso de uma embarcação, se condenada, passa a ser um naufrágio;

socobro – qualquer estrutura de origem antrópica, dada baixa ou sinistrada, desde que parcialmente ou totalmente submersa (inclui containers, restos de pontes, aviões, veículos terrestres, etc.);

alijamento – ato deliberado de lançar fora, no todo ou em parte, a carga ou outros bens existentes a bordo, incluindo passageiros;

varaço – encalhe voluntário promovido com o objetivo de evitar mal maior à embarcação, carga, tripulação e/ou passageiros;

varamento – o mesmo que encalhe;

abalroação (ou abalroamento) – choque entre duas ou mais embarcações, paradas ou em movimento.

água-aberta – invasão de água que comprometa seções ou mesmo a embarcação por inteiro;

arribada – desvio voluntário ou forçado para porto ou local não previsto na rota original;

colisão – choque entre uma embarcação e algo, entre embarcações denomina-se abalroação ou abalroamento;

emborcamento – quando uma embarcação ultrapassa seu limite de adernagem em até 180° de giro no próprio eixo, também denominado tombamento;

capotagem – quando uma embarcação ultrapassa os 180° de giro no próprio eixo, também denominado rolamento;

desarvoramento – perda de qualquer dos mastros que não seja o gurupés;

esmagamento – colapso do casco por pressão exterior, desde que não seja produzida por outra(s) embarcações, geralmente ocasionado pelo congelamento da água, fadiga estrutural ou erro construtivo;

desaparecimento – quando não é mais contatada a embarcação nem qualquer objeto seguramente associado à mesma;

Em relação às formações geológicas de interesse náutico e cartográfico:

parcel – formação geológica rochosa sobre plataforma continental ou insular, não biogênica, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno, mas nunca aflorando ou espumando, mesmo na maré baixa;

laje – formação geológica rochosa sobre plataforma continental ou insular, não biogênica, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno e aflorando e/ou espumando na maré baixa, mas nunca na maré alta;

rochedo – formação geológica rochosa sobre plataforma continental ou insular, não biogênica, não vegetada, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno e sempre aflorando, mesmo na maré alta;

banco – formação geológica arenosa, efêmera ou não, submersa ou cercada de água, não vegetada, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno e podendo aflorar ou não;

ilha – formação geológica rochosa e/ou arenosa sobre plataforma continental ou insular, não biogênica, vegetada, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno e sempre aflorando, mesmo na maré alta, o conjunto forma um arquipélago;

ilhota – designa as menores ilhas de um arquipélago;

atol – formação geológica rochosa e/ou arenosa circular, sobre plataforma continental ou insular, biogênica, vegetada ou não, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno e sempre aflorando em algum ponto, mesmo na maré alta;

recife – formação geológica rochosa e/ou arenosa em forma de barreira, sobre plataforma continental ou insular, biogênica, não vegetada, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno e podendo aflorar ou não;

alto-fundo – formação geológica rochosa independente de plataforma continental ou insular, não biogênica, que se eleva do fundo, destacando-se do entorno, podendo aflorar ou não;

penedo – o mesmo que rochedo;

escolho – formação ou estrutura que apresenta obstáculo à navegação.

O resultado obtido com a classificação dos casos arquivados no ABSN não encontrou respaldo nos principais dicionários genéricos consultados (NEILSON, 1951; HOUAISS, 1982), o que denota uma grande fragilidade dos termos quando empregados em documentos jurídicos. A definição das estruturas geológicas acima descritas vem do fato dos encalhes e/ou choques em águas rasas terem sido apontados pelo ABSN como as principais causas que resultam em naufrágio.

CONCLUSÕES

Foi observado que apenas através da classificação prática de um expressivo número de sinistros navais foi possível conceituar os termos correntes aqui tratados, comprovando a complexidade do uso, além de possibilitar uma uniformização dos conceitos. O resultado obtido se adequou a absolutamente todos os casos estudados, provando sua funcionalidade, importância e embasamento teórico que por si justificam a pretensão de adoção não só em publicações técnicas como também junto aos tribunais marítimos.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA NETO, J. A.; PONZI, V. R. A.; SICHEL, S. E. (Org.) 2004. *Introdução à geologia marinha*. Interciência, Rio de Janeiro. 279p.
- CHERQUES, S. 1999. *Dicionário do mar*. Globo, São Paulo. 551p.
- DE PANDO Y VILLARROYA, J. L. 1956. *Diccionario marítimo*. Dossat, Madrid. 235p.
- DOS SANTOS, E. A. – BARÃO DE ANGRA (Org.) 1877. *Diccionario marítimo brasileiro*. Imperial Instituto Artistico, Rio de Janeiro. 286p.
- ESPARTEIRO, A. M. 1943. *Dicionário ilustrado de marinharia*. A. M. Teixeira, Lisboa. 203p.
- GUILCHER, A. 1957. *Morfologia litoral y submarina*. Omega, Barcelona. 264p.
- HOUAISS, A. (Dir.) 1982. *Pequeno dicionário enciclopédico Koogan Larousse*. Larousse do Brasil, Rio de Janeiro. 1635p.
- NEILSON, W. A. (Ed.) 1951. *Webster's new international dictionary of the English language*. G. & C. Merriam Company, Springfield. 3214p.
- SHEPARD, F. P. 1963. *Submarine geology*. Harper & Row, New York. 557p.
- SOTO, J. M. R.; A. L. FRONZA; C. T. LIMA; R. A. BRANDI. 2004a. Estudo da aplicabilidade de termos referentes a desastres marítimos. p.191. *In*: Primeiro Congresso Brasileiro de Oceanografia. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí. 500p.
- SOTO, J. M. R.; A. L. FRONZA; C. T. LIMA; R. A. BRANDI. 2004b. Estudo da aplicabilidade de termos referentes a formações geológicas de interesse náutico. p.195. *In*: Primeiro Congresso Brasileiro de Oceanografia. Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí. 500p.
- SUGUIO, K. 1992. *Dicionário de geologia marinha*. T. A. Queiroz, São Paulo. 171p.
- Dizionario di marina. 1937